

**GUIA DE AULAS-OFICINAS**

**REFLEXÕES E POSSIBILIDADES DE  
USO DO FORRÓ NORDESTINO NA  
APRENDIZAGEM HISTÓRICA.**

**ÊNIA FIGUERÊDO NOVAIS**



N821r

Novais, Ênia Figuerêdo.

Reflexões e possibilidades de uso do Forró Nordestino na aprendizagem histórica. Guia de aulas - oficinas. / Ênia Figuerêdo Novais, 2025.

31f. : il. color.

Orientador (a): Dr.<sup>a</sup> Cleide de Lima Chaves.

Produto educacional (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós Graduação do Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História – ProfHistória, Vitória da Conquista, 2025.

Inclui referência F. 31

1. Música. 2. Ensino de História. 3. Forró. I. Chaves, Cleide de Lima. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Mestrado Profissional em Ensino de História - ProfHistória. III. T.

CDD 907

Catálogo na fonte: Karolyne Alcântara Profeta – CRB 5/2134

Bibliotecária UESB – Campus Vitória da Conquista - BA

**Este material foi desenvolvido como um Recurso Educacional Aberto (REA) para o Mestrado Profissional em Ensino de História (PROFHISTÓRIA) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), sob a orientação da Profa. Dra. Cleide de Lima Chaves.**



## **RECURSO EDUCACIONAL ABERTO (REA) – FORRÓ: FONTE DE MANIFESTAÇÃO DA CULTURA NACIONAL**

Este guia de aulas-oficinas integra, como anexo, a dissertação: “Reflexões e possibilidades de uso do forró nordestino na aprendizagem Histórica”, apresentada ao Mestrado Profissional em Ensino de História – Profhistória – UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

Oficinas são formas de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista a base teórica. Uma oficina é, pois, uma oportunidade de vivenciar situações concretas baseadas em sentir, pensar e agir, com objetivos pedagógicos. Nesse sentido, a metodologia da oficina muda o foco tradicional da aprendizagem (cognição), passando a incorporar a ação e a reflexão. Em outras palavras, numa oficina ocorre apropriação, construção e produção de conhecimentos teóricos e práticos, de forma ativa e reflexiva (Machado, 2018 p. 51).

O planejamento das atividades, numa perspectiva de construtivismo social representa um projeto que procura antecipar as vertentes adquiridas numa aula, em termos de competências, conteúdos temáticos a operacionalizar em questões problematizadoras e consequentes experiências de aprendizagem, sem esquecer a avaliação contínua e, por vezes, formal da aprendizagem (Barca, 2004, p. 136).

Assim, nas aulas-oficinas uma das vertentes desejável de se atender, propõe que o docente considere os conhecimentos adquiridos pelos discentes fora da sala de aula, constatando que os saberes históricos provêm de múltiplas esferas sociais. Esses saberes prévios, segundo Cainelli e Tomazini (2017, p. 20), são importantes na variável no processo de aprendizagem, pois o conhecimento resultaria em uma possibilidade de “atenção, percepção, compreensão e organização da nova informação”.

A partir da pesquisa, do nosso tema de estudo, iremos apresentar possibilidades de trabalho de aulas-oficinas, refletindo sobre a utilização de algumas letras de músicas de forró, além da utilização de outras fontes históricas, que trazem elementos da cultura nordestina e que também possam problematizar sobre as mudanças e permanências dessas tradições juninas/forró. Buscar-se-á a participação da família/comunidade nessa produção, pois a educação é formada para uma determinada sociedade, com



características e exigências próprias. Para tal, procurará promover o conhecimento nas formas de produção que ela própria valoriza (Barca, 2007).

Algumas das atividades propostas para esse REA foram inspiradas no livro de Hermeto (2019) e nas dissertações de Jesus (2018); Brum (2020); Nogueira (2020) e Machado (2018). As referidas atividades foram adaptadas de acordo com a nossa realidade escolar e do nosso espaço de atuação na docência.

Barca (2004) aponta que o planejamento das atividades é necessário, para que haja uma organização prévia do trabalho. Porém, o formato dos planos e/ou das sequências tem de ser ajustado ao pensamento do/a professor/a e só interessa à medida em que serve para uma boa execução da aula. Portanto, não existe uma “receita”, algo formal, mas é desejável, independente do formato, que assuma os seguintes objetivos:

- Levantar e trabalhar de forma diferenciada as ideias iniciais dos alunos/as;
- Propor questões orientadoras, que constituam um desafio cognitivo aos discentes;
- Adequar as tarefas ao desenvolvimento das competências, que ultrapassem a compreensão simplista de qualquer versão histórica sobre o passado;
- Integrar as atividades a situações diversificadas, não esquecendo a potencialidade dos alunos/as trabalharem em pares ou individualmente, oralmente e por escrito.
- Avaliar qualitativamente, em termos de progressão da aprendizagem, em vários momentos das aulas/oficinas (BARCA, 2004, p.136-137).

A nossa proposição para as oficinas aponta maneiras sobre como trabalhar com o tema, sugerindo algumas atividades práticas que podem levar os discentes do 6º ao 9º ano ao desenvolvimento de narrativas históricas, de acordo com os conceitos substantivos ou de segunda ordem de cada competência que precisa ser focalizada.



# AULA -OFICINA: TEM FORRÓ NA AULA DE HISTÓRIA

## Aula-Oficina 01: Como o Nordeste e os Nordestinos são vistos

Competência a focalizar	Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Conceitos ou questões orientadoras	Estereótipos, xenofobia, preconceito, meios de comunicação, fontes históricas.
Atividade proposta	Produção de um quadro de representação social sobre o nordestino.

### ➤ 1º momento – Incentivando...

As oficinas são propostas como trocas dialógicas que permitem a visibilidade, construção e deslocamento de versões sobre a realidade. Por isso, ao iniciarmos propomos trazer essa questão: “O nordestino é visto...”. Após a escuta, buscaremos imagens que traduzam como nós somos vistos: 1) pelos “sulistas”; 2) pelos “nortistas”; 3) por nós mesmos; 4) pelas novelas; 5) pelos humoristas; 6) pelo mercado de trabalho. Orientar os/as alunos/as para a produção desse quadro coletivo sugerindo que utilizem a colagem como técnica para a produção das imagens. Ao analisar com eles as imagens que produziram, solicitamos que observem alguns dos elementos que permitem identificar a atribuição de valores às figuras representadas, tais como: tipo físico; expressão facial; vestuário; presença e caracterização de cenário; uso de palavras associadas às imagens; etc. Por um lado, a produção desse quadro permitirá identificar as concepções prévias dos alunos sobre as representações sociais da figura do nordestino na sociedade brasileira. Por outro lado, auxiliará a identificar o quanto o próprio aluno acredita nos estereótipos sociais em voga, possibilitando problematizar as fronteiras entre as diferentes visões sobre um mesmo sujeito e as práticas discriminatórias no Brasil contemporâneo.



## ➤ 2º MOMENTO:

Após a discussão inicial sobre o quadro produzido pela turma, iremos fazer uma síntese sobre as representações do nordestino apresentadas pela turma: os estereótipos mais recorrentes; as suas associações com uma cultura regional; os preconceitos vigentes e como eles se relacionam com a posição social de quem “apresenta” o sujeito histórico; etc. Finalmente, explicitar como as representações por eles criadas se inserem em uma rede de relações de poder da sociedade brasileira, ligada às disputas (político-econômicas) entre as diferentes regiões brasileiras.

Após a síntese, construir junto com a classe uma tabela com os estereótipos que mais aparecerem para, em seguida, reformularmos como os nordestinos são realmente; pensando em diversas identidades de acordo com a nossa vivência.

### **Aula-oficina 2: Pensar Historicamente: Representações do Nordeste em Luiz Gonzaga e Edgar “Mão Branca”**

Competência a focalizar	Saber confrontar as fontes nas suas mensagens, nas suas intenções, na sua validade.
Conceitos ou questões orientadoras	Migração Nordestina, pobreza, seca, fome, política, meios de comunicação.
Atividade proposta	Trabalhar as letras dos forrós e suas contribuições para as representações sociais e as lutas simbólicas que existem em cada uma delas.



## ➤ 1º momento – Incentivando...

Nessa aula-oficina, o forró nordestino não será utilizado apenas como tema de estudo, fonte histórica, mas também destacaremos os aspectos social, político, econômico e cultural em períodos históricos diferentes, partindo de uma análise das representações do Nordeste na obra de Luiz Gonzaga e também do regionalismo do cantor e compositor Mão Branca. Pretende-se estimular a reflexão sobre uma questão fundamental para a formação histórica dos estudantes: a conexão entre a produção e a veiculação de representações sociais sobre determinados sujeitos históricos e a construção de uma rede de relações de poder na sociedade. Identificaremos as representações de Nordeste produzidas e veiculadas por suas obras, bem como as variadas formas com que foram apropriadas por diferentes grupos.

## ➤ 2º MOMENTO:

Baseando nessas considerações, iremos trabalhar a “Migração Nordestina” em diferentes épocas. Apresentaremos primeiramente dois “forrozeiros”: Luiz Gonzaga e Edigar “Mão Branca” e suas histórias, tendo como apoio os textos complementares apresentados nos sites de ambos. No primeiro capítulo desta dissertação trouxemos um pouco sobre a história de Luiz Gonzaga e sua contribuição para o surgimento e crescimento desse ritmo.

Edgar Mão Branca é um artista que, mesmo não sendo itapetinguense nato, traz na sua bagagem histórica uma grande aproximação com essa cidade, por ter ali residido por muitos anos. Sempre fazendo uso de chapéu de couro, veste típica de vaqueiro do sertão baiano. Conforme o seu site informa, no final da década de 1970 foi para São Paulo onde trabalhou como músico em estabelecimentos da noite; de volta a Itapetinga, retorna aos trabalhos artísticos em rádio, e à música, à qual se dedicou integralmente no chamado “circuito do forró” e de música regional no sertão baiano.

Em termos históricos, sugere-se relacionar as migrações nordestinas entre as décadas de 1940 e 1970 com o processo de industrialização implementada no país e com as concepções de desenvolvimento e nacionalismo que construíam o imaginário e davam a base do planejamento político-econômico do período. Sugere-se, ainda, relacionar os movimentos migratórios do Nordeste para o Centro-Sul com a urbanização e os problemas que as cidades e seus habitantes, de diferentes estratos sociais e profissões, tiveram que enfrentar, em função do crescimento (Hermeto, 2019, p. 165). Consequentemente, o imaginário está presente nas letras de forró como um conceito de representação, como um depósito de memória, imaginação e saudade.



### ➤ 3º MOMENTO:

O baião “Asa Branca” (1947) é uma das peças mais conhecidas do cancioneiro popular brasileiro, composição de dois migrantes nordestinos que viviam no Sudeste: o pernambucano Luiz Gonzaga e o cearense Humberto Teixeira. O primeiro foi responsável pela composição da melodia e o segundo, pela letra. O tema da canção “Asa branca” é a lembrança que um migrante nordestino tem de sua terra natal – o “meu sertão” –, das condições adversas em que ali viveu e da decisão de deixá-la. Mas também o desejo de retornar, com a possibilidade de ter uma vida mais digna quando “a chuva cair de novo”. Um misto de banzo e esperança é a base do tema deste baião.

Em termos literários, as cores regionais do tema ficam acentuadas pela linguagem coloquial nordestina.

Antes de apresentar as músicas seguintes iremos solicitar que os discentes analisem as letras, inicialmente sem ouvi-las, identificando quais são os sentimentos dos compositores e que tipos de sensação eles próprios sentiram ao tomar contato com o “poema”.

Nessa perspectiva de fazer História, sabemos que o professor não é a única figura detentora do ensino-aprendizagem. Os nossos saberes se unem com os saberes dos alunos, junto com seus valores, ideias e conhecimentos. Jesus (2018, p. 36) afirma que o objetivo da educação histórica é saber como os alunos pensam historicamente, como estruturam seu raciocínio, para depois criar situações-problema através das quais eles usem esse raciocínio e precisem aumentar a complexidade dele.

<https://luizluagonzaga.com.br/>

<https://edigarmaobranca.com.br/>



# ASA BRANCA (INTERPRETAÇÃO DE LUIZ GONZAGA E COMPOSIÇÃO DE LUIZ GONZAGA E HUMBERTO TEIXEIRA, 1947)

Quando olhei a terra ardendo  
Qual fogueira de São João  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação  
Eu perguntei a Deus do céu, ai  
Por que tamanha judiação  
Que braseiro, que fornalha  
Nem um pé de plantação  
Por falta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão  
Por farta d'água perdi meu gado  
Morreu de sede meu alazão

Quando o verde dos teus olhos  
Se espalhar na plantação  
Eu te asseguro não chore não,  
viu  
Que eu voltarei, viu

Até mesmo a asa branca  
Bateu asas do sertão  
Entonce eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Entoce eu disse, adeus Rosinha  
Guarda contigo meu coração  
Hoje longe, muitas léguas  
Numa triste solidão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão  
Espero a chuva cair de novo  
Pra mim voltar pro meu sertão

Meu coração  
Eu te asseguro não chore não,  
viu  
Que eu voltarei, viu  
Meu coração

<https://edigarmaobranca.com.br/>



## ➤ 4º MOMENTO:

A música "Canção da Terra" de Edigar Mão Branca é uma ode à terra e à vida rural, refletindo a profunda conexão entre o ser humano e o solo que o sustenta. Um lamento que simboliza tanto a fertilidade quanto as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores rurais. Termos como "pé de rueira" e "pau de porteira" remetem aos elementos do cotidiano no campo, enquanto "canto de passarim" evoca a presença constante da natureza. Edigar Mão Branca é conhecido por suas composições que exaltam a cultura e a vida no sertão, utiliza essa música para transmitir uma mensagem de respeito e cuidado com a natureza, ao mesmo tempo em que celebra a força e a beleza da vida rural.

### **CANÇÃO DA TERRA (EDIGAR MÃO BRANCA) ÁLBUM: FAREJADOR DE FESTA, 2002.**

Eis o canto da terra, o lamento do chão  
O gemido sem sorte, o ganido sem vão  
Pé de rueira, pau de porteira, palma e capim  
Capa de cela, tacho e gamela, canto de  
Passarim

Eis o canto da gente, travado em repente  
No duro batente, na lida da sorte  
Nosso canto é pereira, é graveto, é poeira,  
Tatarena, aroeira, esse canto é forte  
Canção da terra mãe, sagrada terra  
Nascemos terra e então, o mundo é terra  
Canção da terra mãe, a morte é terra  
Se o mundo é terra então, salvar a terra



Após a escuta das músicas, iremos discutir quais as semelhanças e as diferenças entre as propostas melódicas que os alunos fizeram para a canção e a composição original, destacando, nesta, o contraste entre a tristeza da narrativa textual e a animação da narrativa melódica. O ritmo acelerado, dançante, traz a mesma conotação que a “poesia”? As mensagens projetadas pelos autores são passadas?

Questões levantadas às fontes são importantes para a compreensão, tais como:

- Quem escreveu os forrós? Com quais intenções?
- Que período do ano mais ouvimos esses gêneros musicais? Por quê?

<https://www.lettras.mus.br/edgar-mao-branca/607114/significado.html>

## ➤ 5º MOMENTO:

Como atividade para a próxima oficina, propor um diálogo com a família de como eram as festas juninas no período em que eram jovens e como são agora? Algum forró marcou essa época? Narrativas essas que serão utilizadas na próxima oficina.

Assim, faz-se necessário mostrar aos discentes que diferentes discursos são construídos através dessas representações, visando legitimar ou construir ideias que beneficiam uma parcela da sociedade. Um momento também de mostrar como as letras dos forrós contribuem para as representações sociais e as lutas simbólicas que existem por trás de cada uma delas.



Após a discussão inicial sobre o quadro produzido pela turma, iremos fazer uma síntese sobre as representações do nordestino apresentadas pela turma: os estereótipos mais recorrentes; as suas associações com uma cultura regional; os preconceitos vigentes e como eles se relacionam com a posição social de quem “apresenta” o sujeito histórico; etc. Finalmente, explicitar como as representações por eles criadas se inserem em uma rede de relações de poder da sociedade brasileira, ligada às disputas (político-econômicas) entre as diferentes regiões brasileiras.

Após a síntese, construir junto com a classe uma tabela com os estereótipos que mais aparecerem para, em seguida, reformularmos como os nordestinos são realmente; pensando em diversas identidades de acordo com a nossa vivência.

### **Aula-Oficina 03: O forró: do tradicional ao moderno**

Competência a focalizar	Selecionar situações cotidianas que remetam à percepção de mudança, pertencimento e memória; Compilar histórias da família e/ou da comunidade registradas em diferentes fontes.
Conceitos ou questões orientadoras	Manifestação sociocultural; Memória; Sertão; Fontes (oral, visual e escrita) Forró (Tradicional e Eletrônico); Mudanças e Permanências
Atividade proposta	Leitura de imagens; Canção como objeto de estudo; pesquisa



## ► 1º momento – Incentivando...

Por meio de projeção, iremos apresentar imagens que nos remetem às narrativas do sertão nordestino, que veiculam a ideia de passado, memória e a saudade. Como o rádio, a sanfona, o triângulo, a zabumba, o chapéu de couro, as paisagens rurais e a linguagem coloquial para compor o “cenário” das canções. Em seguida, apresentar duas letras de forró que retratam esse contexto.

### Baião (Luiz Gonzaga – Humberto Teixeira) - 1946

Eu vou mostrar pra vocês  
Como se dança o baião  
E quem quiser aprender  
É favor prestar atenção  
Morena chega pra cá  
Bem junto ao meu coração  
Agora é só me seguir  
Pois eu vou dançar o baião  
Eu já dancei balancê  
Xamego, samba e xerém  
Mas o baião tem um quê

Que as outras danças não têm  
Oi quem quiser é só dizer  
Pois eu com satisfação  
Vou dançar cantando o baião  
Eu já cantei no Pará  
Toquei sanfona em Belém  
Cantei lá no Ceará  
E sei o que me convém  
Por isso eu quero afirmar  
Com toda convicção  
Que sou doido pelo baião



## Nasci e Vou Morrer Vaqueiro (Edigar Mão Branca)

– Álbum: Tá Rolando Festa, 2005.

Nasci pra ser vaqueiro  
E vou morrer vaqueiro  
Viver tangendo gado  
É minha devoção  
Ver meu campo zelado  
É meu passo primeiro  
Quem quer ser bom vaqueiro  
Ame a profissão  
Onde tem um cavalo arriado,  
Um cachorro bom de gado,

E um boi brabo corredor.  
Onde se reúne os encourados,  
Um forrozão arrochado,  
Pode me chamar que eu vou.  
Onde tem festa de vaquejada  
Argolinha, cavalgada  
E um cantador aboiando  
Se tiver corrida de mourão,  
Pega de bezerro a mão,  
Me espere que tô chegando

<https://www.lettras.mus.br/edgar-mao-branca/607114/significado.html>



## ➤ 2º MOMENTO:

Após a escuta dos forrós e a análise das letras iremos observar:

- *Quais as características dos forrós apresentados acima e os trazidos de casa?*
- *As letras das canções trazem elementos históricos que “cantam” a vida do nordestino, chamando a atenção para seus problemas, seus sofrimentos, despertando o interesse em suas tradições, retratando a sociedade em que vivemos?*
- *As músicas apresentam um “orgulho” do nordeste/nordestino? De que maneira?*

## ➤ 3º MOMENTO:

Iniciar esse momento fazendo a leitura complementar do texto: O “novo” forró pelos discentes; realizando a discussão oral e as ideias prévias sobre a temática.



## ► LEITURA COMPLEMENTAR:

O forró eletrônico surge com as bandas de forró, a diversidade cultural nordestina. Iniciado na década de 1990, as bandas de forró incorporaram instrumentos musicais como a guitarra, teclado e bateria, enfatizando o romantismo sensual, a sensualidade feminina, as narrativas urbanas, com endereçamento ao público jovem, recodificando dessa maneira o forró (Santos, 2014, p. 86).

A associação dos forrós tradicionais tão marcadamente rural passa por momentos de baixa aceitação, sobretudo para o público urbano e jovem, na atualidade. E assim, nas últimas décadas do século XX, começa a ser fomentada uma espécie de “atualização” do forró, que intencionalmente busca se afastar deste paradigma. A estética do forró eletrônico, inaugurada no início dos anos 1990 pela Banda Mastruz com Leite, organizada pelo empresário Emanuel Gurgel, pretendia revolucionar os padrões do gênero “estilizado e progressista”. A ambiência sonora da banda conciliava a sonoridade da sanfona com baixo, guitarra e bateria. As referências ao sertão são substituídas por cenários grandiosos, luzes e figurinos brilhantes, que moldam uma performance dançante e animada; com um sedutor acompanhamento de dançarinas que respondem por um poderoso apelo erótico e sensual nas coreografias das canções (Trotta, 2007, p. 8).

O autor ainda afirma que bandas como Limão com Mel, Cavaleiros do Forró, Caviar com Rapadura, Calcinha Preta, Saia Rodada, Aviões do Forró e tantas outras estruturam atualmente o que pode ser entendido como um novo mainstream da música nordestina.

Num mercado cultural globalizado e voltado para o jovem, a ideia de modernização passa a ser uma necessidade latente. O vaqueiro, o peão e o próprio sertão não são mais, necessariamente, exclusividade da identidade nordestina, mas podem se tornar referenciais do universo jovem, mantendo referências ao imaginário rural e modernizado (Trotta, 2012, p. 162).

Como exemplo, no caso do forró, temos a sanfona, ela tinha uma posição mais sólida e não foi descartada, mas progressivamente associada a outras sonoridades que geraram um forró menos “sanfonado”, com a inclusão de outros instrumentos já citados. Trotta afirma que o embate entre o forró baseado na sanfona e um forró mais variado sonoramente não é apenas sobre preferências estéticas, mas sobre estilos de vida e referências culturais profundas: o tradicional e o novo; o consagrado e o recente, o “familiar” e o “jovem”.

Em seguida, apresentar forrós eletrônicos da Banda Mastruz com Leite e Calcinha Preta que apresentam características diferentes das anteriores.



## Meu Cenário de Amor (Mastruz Com Leite) - Álbum só para Xamegar, 1993.

Nos braços de uma morena quase  
morro um belo dia  
Ainda me lembro meu cenário de  
amor  
Um lampião aceso o guarda-roupa  
escancarado  
Vestidinho amassado debaixo de um  
batom

Um copo de cerveja, uma viola na  
parede  
E uma rede convidando a balançar  
No cantinho da cama um rádio a  
meio volume

O cheiro de amor e de perfume  
pelo ar  
Numa esteira o meu sapato  
pisando o sapato dela  
Em cima da cadeira, aquela  
minha bela sela  
Ao lado do meu velho alforje de  
caçador

Que tentação, minha morena me  
beijando feito abelha  
A lua malandrinha pela brechinha da  
telha  
Fotografando o meu cenário de  
amor

<https://www.letras.mus.br/mastruz-com-leite/129814/>



Cobertor (Calcinha Preta) – Álbum: Sou Seu  
Amor, vol. 6, 1999.

Como é que você foi embora  
Sem dizer pelo menos adeus

Como é que você foi embora  
Sem dizer pelo menos adeus  
E fez sofrer tanto assim  
Um coração apaixonado por você  
Como é que você depois liga  
Pra dizer que está arrependida  
Que foi embora  
Mas que vai voltar

Pedindo pro meu coração o seu  
lugar  
Ha ha ha  
Como é que você depois liga

Que pena o meu coração não é  
mais meu

Mesmo que fosse nunca mais  
seria seu

Você se foi nem quis saber se  
estava frio

Eu achei um cobertor  
Que me deu tanto amor  
E que nunca deixa o frio  
Tomar conta de mim  
Como é que você foi embora  
Sem dizer pelo menos adeus  
E fez sofrer tanto assim  
Um coração apaixonado por você  
Pra dizer que está arrependida

[https://www.letras.mus.br/calcinha-  
preta/92041/](https://www.letras.mus.br/calcinha-preta/92041/)



## ➤ 4º MOMENTO:

Após a leitura e a escuta dos forrós, iremos propor em equipes a confecção de um quadro intitulado: Mudanças e Permanências dos forrós.

Observando também que as letras das músicas acima citadas trazem uma visão diferente do chamado forró pé-de-serra, pois apresentam elementos mais “modernizadores”, por assim dizer. Mas essa ideia de “modernidade”, “aceleração” e “efeitos” busca atribuir valor ao ambiente cênico do forró eletrônico.

Ao apresentarem seus “quadros” cada equipe irá observar as mudanças e permanências percebidas.

Ao final dessa oficina, iremos pesquisar novas letras de forrós atuais, principalmente as que falam de como as mulheres são retratadas.

### Aula-Oficina 04: Mulheres e o Forró

Competência a focalizar	Compreender acontecimentos históricos, relações de poder e processos e mecanismos de transformação e manutenção das estruturas sociais, políticas, econômicas e culturais ao longo do tempo e em diferentes espaços para analisar, posicionar-se e intervir no mundo contemporâneo.
Conceitos ou questões orientadoras	Relações de gênero no forró; Mudanças e Permanências
Atividade proposta	Pesquisa sobre a representação feminina nas músicas/ambiente do Forró

## ➤ 1º MOMENTO - INCENTIVANDO...

Solicitar que os/as alunos/as observem as capas dos discos dos artistas (Figura 1), visando identificar os traços de sua identidade, a partir dos seguintes elementos: vestuário; expressão facial; cenário; títulos dos álbuns; etc. A partir dos estudos realizados até o momento, solicite que os alunos identifiquem quais são as principais representações do Nordeste e do nordestino, dos forrós, das festas juninas apresentados neles.





seguida fazer a leitura complementar do texto de Trota sobre o sertanejo-nordestino, explorando os personagens apresentados, levando os discentes a seguinte reflexão: Por que no texto e em outros meios de comunicação os nordestinos são representados apenas pela “figura masculina”?

## ➤ LEITURA COMPLEMENTAR

### O sertanejo nordestino

Observar que em várias exemplificações do sertanejo-nordestino estereotipado está presente a valorização de seus atributos de coragem e resistência para enfrentar as dezenas de adversidades do sertão contra as quais ele se depara cotidianamente. Mas há um aspecto importante dessa identidade: ela é essencialmente masculina.

Aclimatado na luta pela sobrevivência num ambiente hostil (seca, pobreza, fome, violência), o sertanejo será personagem chave dessa construção, estabelecendo uma espécie de narrativa genérica de “nordestino”, materializada em variantes como o vaqueiro, o retirante, o cangaceiro, o jagunço, o beato, o coronel, o lavrador explorado. Todos esses personagens têm em comum a sua origem geográfica e sua condição de “machos”, que se associa também à própria identidade cultural (Trotta, 2012, p. 156-157).



## ➤ 2º MOMENTO:

Apresentar três letras de músicas. A primeira: Vida de Vaqueiro, retrata o nordestino (típico “macho do sertão”) de Targino Gondim, que é conhecido por suas canções juninas, forró e baião. Natural de Pernambuco, o cantor mudou-se para Juazeiro, na Bahia aos quatro anos de idade. Conforme informações de suas redes sociais ele se apresenta como um legítimo sanfoneiro. A segunda música: Olha Pro Céu, de Luiz Gonzaga, evoca a memória de um amor que nasceu ou foi celebrado em uma noite de São João e a terceira: Ô Mulher Você É Linda, de Brás do Forró; que de acordo a internet é uma banda de forró eletrônico brasileira, formada em Fortaleza, em meados de 1989, sob a liderança do sanfoneiro Ivanildo Façanha Moreira, popularmente conhecido como Didi.

**Vida de Vaqueiro – (Targino Gondim) Álbum: Dance Forró mais eu, 2001.**

Na vida de um vaqueiro  
Cabra macho do sertão  
Tem sempre dentro do peito  
No fundo do coração  
Uma morena faceira  
E uma cavalo alazão  
Ê boi, Ê boi  
Ê boi, boiada  
Ê boi de ouro, no calor da  
vaquejada!  
Roupa chique de vaqueiro  
É perneira e Gibão  
Luvas e chapéu de couro  
Guarda-peito é proteção  
Cavalo é carro de luxo

Nas corridas de montão  
Ê boi, Ê boi ...  
Vaqueiro macho valente  
Derruba o touro no chão  
Bota careta no bicho  
Mas a morena é faceira  
Domina seu coração  
Ê boi, Ê boi ...  
Vaqueiro gosta de farra  
De xote, marcha e baião  
Sendo Targino Gondim  
Animando o forrozão  
Aboia chamando o gado  
No pique da tradição  
Ê boi, Ê boi ...



Olha pro Céu – (José Fernandes / Luiz Gonzaga/1951) Álbum: São João Na Roça, 1962.

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha pra aquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo  
Foi numa noite igual a esta  
Que tu me deste o coração  
O céu estava assim, em festa  
Porque era noite de São João

Havia balões no ar  
Xote e baião no salão

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha pra aquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo  
E, no terreiro, o teu olhar  
Que incendiou meu coração

Olha pro céu, meu amor  
Vê como ele está lindo  
Olha pra aquele balão multicolor  
Como no céu vai sumindo



Ô, mulher, você é linda  
És a linda das mais lindas  
Igual a você não tem  
És a flor que solta o cheiro  
Rainha desse vaqueiro  
Você só me faz o bem  
Meu coração é só teu  
Já reconheci que eu  
Sem você não sou ninguém

Teu abraço me esquento  
Teu cheiro me alimenta  
Ô, mulher querida amada  
Você é minha paixão  
A rainha dessa canção  
Estrela da minha estrada  
Valeu eu te conhecer  
O que eu sinto por você  
Nem a mão do tempo apaga

Quando você me abraça sorrindo  
Diz em voz baixa  
As coisas boas que faz  
Lá no quarto ou no banheiro  
Tento olhar seu corpo inteiro  
Tem perfil lindo demais  
Só faz a paixão crescer  
Que mulher como você  
Todo homem anda atrás

Eu vou falar para os seus pais  
Que eu te amo demais  
E não quero nem saber  
Se eles não concordar  
For contra nós se casar  
Eu vou carregar você  
Nem que o céu caia em pedaços  
Mas pra lhe ter em meus braços  
Não tenho medo de morrer

Mulher, tu és o encanto  
De todos filmes românticos  
Tu és a mais linda cena  
Foi Deus e a natureza que te deu  
Essa beleza, tão deslumbrante e  
serena

És uma tremenda gata  
Daquelas que a morte mata  
Depois vai chorar com pena

Sou vaqueiro apaixonado  
Quero sempre estar ao seu lado  
Te amar constantemente  
Tudo em você me atrai  
Amor é lindo demais  
Esse romance da gente  
Você é minha paixão  
Vem, amor, me dê a mão  
E vamos ser feliz pra sempre



## ➤ 3º MOMENTO:

Após a leitura e a escuta, fazer indagações sobre a canção como objeto de estudo, comparando-as com as capas do LP e CD, tais como:

1. Quais são as representações de masculinidades nas canções e nas capas?
2. Como essas representações de masculinidades se relacionam com a época e o lugar em que foram veiculadas?
3. Como tais representações de masculinidades afetavam/afetam as relações de gênero?
4. De que maneira a mulher é apresentada nas músicas? Quais semelhanças e diferenças?
5. Identifique e explique mudanças e permanências em relação às expectativas de masculinidades na década de 1970 e na atualidade?

**Em seguida iremos pedir que apresentem as músicas trazidas de casa e analisar**

- Há diferenças na maneira que as mulheres são retratadas?
- Existe algum apelo erótico, sensual? Acredita ser necessário?
- Conhecem mulheres que sejam vocalistas/compositoras/cantoras de forró?

Como atividade proposta, fazer uma pesquisa, apresentando e/ou conhecendo algumas mulheres que fazem parte e/ou contribuem/contribuíram para a história do forró. Dividir a turma em grupos e cada um deverá escolher uma dessas mulheres ou grupos apresentados a seguir. Pesquisar sobre a suas carreiras artísticas, bem como algum forró que sejam de suas autorias ou cantados por elas, analisando a efetiva participação delas no forró e nos festejos juninos.

Após a pesquisa os grupos podem se apresentar da maneira que acharem melhor: painel, dramatização, jogral, slides...

[https://www.ibahia.com/mundobahiafm/conheca-5-mulheres-que-fizeram-parte-da-historia-do-forro-](https://www.ibahia.com/mundobahiafm/conheca-5-mulheres-que-fizeram-parte-da-historia-do-forro-320933)

320933

<https://nosmulheresdaperiferia.com.br/mulheres-no-forro-5-bandas-femininas-para-conhecer/>



## MULHERES NO FORRÓ:

Marinês e Carmélia Alves foram as primeiras mulheres no forró, nomeadas como rainhas do Xaxado e do Baião por Luiz Gonzaga.



## MULHERES NO FORRÓ

Carmélia Alves



Amelinha



Amelinha é a primeira mulher a gravar um disco de forró. Ela é a primeira mulher a gravar um disco de forró. Ela é a primeira mulher a gravar um disco de forró.

## MULHERES NO FORRÓ

Hermelinda lopes



Elza Ramalho



Elza Ramalho é a primeira mulher a gravar um disco de forró. Ela é a primeira mulher a gravar um disco de forró. Ela é a primeira mulher a gravar um disco de forró.



## MULHERES NO FORRÓ

### As Jamboritas

Originais de Pernambuco, as Jamboritas é uma gôndola do forró composta por Thelma Silva, Raquel Ruffino e Dirléia Cavalcanti. Criado em 2017, o grupo se inspira no clássico "Bambas Jamboritas" de Luiz Gonzaga e defende a presença feminina no forró.



As Jamboritas, do forró de Pernambuco, em 2017.

### As Três do Caxado

Em 2019, em São Paulo, as Três do Caxado, das Jamboritas, foram as primeiras a serem nomeadas para o prêmio de melhor grupo de forró no Brasil. O grupo é formado por Thelma Silva, Raquel Ruffino e Dirléia Cavalcanti.



As Três do Caxado, do forró de Pernambuco, em 2019.

## MULHERES NO FORRÓ

### Forró de Jamboritas

Forró de Jamboritas é o nome dado ao forró de Pernambuco, criado em 2017, pelo grupo Jamboritas, formado por Thelma Silva, Raquel Ruffino e Dirléia Cavalcanti.



### Forró de Jamboritas

Forró de Jamboritas é o nome dado ao forró de Pernambuco, criado em 2017, pelo grupo Jamboritas, formado por Thelma Silva, Raquel Ruffino e Dirléia Cavalcanti.



## MULHERES NO FORRÓ

### Forró de Jamboritas

Forró de Jamboritas é o nome dado ao forró de Pernambuco, criado em 2017, pelo grupo Jamboritas, formado por Thelma Silva, Raquel Ruffino e Dirléia Cavalcanti.



As Jamboritas, do forró de Pernambuco, em 2017.



Em seguida iremos pedir que apresentem as músicas trazidas de casa e analisar

Competência a focalizar	Identificar interpretações que expressem visões de diferentes sujeitos, culturas e povos com relação a um mesmo contexto histórico, e posicionar-se criticamente com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Conceitos ou questões orientadoras	História e Tempo; Patrimônio Cultural: Material e Imaterial; Festas Juninas: dimensão política, cultural, social econômica e religiosa;
Atividade proposta	Uma “feira”/arraiá/exposição junina; painel dos patrimônios da cidade

## ► 1º MOMENTO - INCENTIVANDO...

A última oficina inicia-se com uma indagação: o que vem a ser Patrimônio? Patrimônio, em nosso cotidiano, surge como os bens de valor, aquilo que temos ou possuímos. Pode ser um patrimônio cultural ou monetário, afetivo ou simbólico (Pelegriini; Funari, 2013). Em seguida exibição do vídeo: O QUE É PATRIMÔNIO MATERIAL E IMATERIAL?

O vídeo faz parte de uma web-série "E SE ESSA CIDADE FOSSE MINHA?!", possui três episódios independentes que discutem os patrimônios das cidades, da periferia; a segregação espacial e o direito à cidade. Iremos explorar os conceitos apresentados no vídeo.

► **SINOPSE:** O que é Patrimônio Material e Imaterial? Sua cidade é ou possui algum patrimônio? O que é necessário para definir algo ou alguma manifestação como um patrimônio? Como você pode participar desta discussão? Conheça o papel do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e alguns patrimônios nacionais e internacionais.



## ➤ 2º MOMENTO:

Depois de assistir o vídeo, continuar o diálogo e levantar questionamentos sobre: Herança Coletiva, Reconhecimento Social e o que seriam esses “Saberes e práticas que passam de geração para geração”? As festas juninas podem ser consideradas um patrimônio imaterial? Por quê? Quais seriam os patrimônios materiais e imateriais da nossa cidade?

Continuando a oficina, solicitaremos aos estudantes que pensem em palavras que nos remetem às festividades juninas. Pode ser a partir de suas próprias ideias ou de acordo com o diálogo ocorrido em casa ou até mesmo representações e o imaginário contido nas músicas de forró ou das festas de São João observados por eles. Depois, dizem as palavras que pensaram e o/a professor/a lista no quadro, para que a turma possa ter uma visão geral do imaginário do grupo a respeito da região. Em seguida, lançar uma discussão a partir das seguintes questões norteadoras: Nós vivemos no Nordeste. Você consegue perceber essas palavras como uma forte característica do lugar onde vivemos? Por que essas palavras foram as que vieram à mente de vocês?

## ➤ 3º MOMENTO:

Em seguida iremos apresentar imagens que remontam o São João de 2024 da nossa cidade, Itapetinga, Bahia organizado pela Prefeitura Municipal (Figura 2) e fazer a leitura de texto complementar sobre o São João 2024, texto esse retirado do site oficial da prefeitura municipal.



Fonte: Cartaz montado pela autora com imagens retiradas da internet



### São João de Itapetinga -2024

A festividade junina ultrapassa os muros das unidades escolares e passa a ser uma festa com grande potencial econômico e turístico para a cidade. De acordo com a publicação do site da Prefeitura Municipal de Itapetinga do dia primeiro de julho de dois e vinte e quatro, a realização das festas juninas em Itapetinga representa maior desenvolvimento e fomento à economia. Ao final do São João (2024) foi somado mais de R\$20 milhões de reais injetados na economia local durante os dias de festa. Nos restaurantes, o horário de funcionamento foi estendido até às 5h da manhã, gerando mais movimento e maior lucratividade. Nos hotéis, ocupação completa nos mais de 600 leitos disponíveis.

No Parque da Lagoa (lugar onde acontece os festejos juninos da cidade), cerca de vinte atrações animaram um público total de mais de 60 mil pessoas. E para atender essa gente toda, mais de 30 barracas foram montadas com comida e bebida à vontade e 40 ambulantes trabalharam em todo o circuito, gerando emprego para mais de 150 pessoas diretamente, isso sem falar em todo pessoal da estrutura de som, palco, luz, toldos, banheiros, fechamento, segurança e transmissão.

Como verdadeiros eventos populares já institucionalizados, estas festas estão incluídas no calendário oficial como feriados e são comemoradas nas escolas, nos clubes, no trabalho, nas ruas como lugar de excelência de reunião comunitária.

O trabalho com imagens junto aos estudantes serve para que eles possam indagar, observando o máximo de elementos sobre esse período.

- Qual objetivo? Para quem? Qual a finalidade? Que músicas foram tocadas? Acreditam serem as mesmas ouvidas pelos seus pais/avós/familiares? Todos celebram essa data? De que forma a religiosidade se faz presente nesses festejos?
- De que forma, atualmente, a economia, a política e o turismo se fazem presente nessas festividades?
- Ao final da oficina propor uma produção de texto/relatório criado pelos discentes sobre os vários pontos abordados no decorrer da oficina: Patrimônio Material e Imaterial, Herança cultural, São João...



## ➤ 4º MOMENTO - AVALIANDO...

A avaliação sistemática das aprendizagens é fundamental, no que concerne à evolução das ideias dos alunos/as entre o momento inicial e o momento final da intervenção educativa em foco (Barca, 2004, p. 141). Cada discente é único, com o seu tempo de aprender, de discordar, de refletir. Até porque nunca teremos um percentual máximo de aceitação dessa temática, e precisamos respeitar e aceitar.

As festas juninas ocorrem com uma forte participação popular, imperando um espírito comunitário, rememorando o espírito do campo e da cidade (pois também é tempo de celebrar a colheita). Por isso, como culminância e avaliação das nossas oficinas iremos propor uma atividade coletiva (que já ocorre em muitas unidades escolares do Nordeste), que desenvolvem ações prévias de ensaiar quadrilhas, enfeitar o local, cozinhar as comidas típicas, ações essas que muitas vezes ficam a cargo somente da gestão/coordenação e corpo docente. Ao sugerir um Arraiá, uma exposição, uma feira (não importa o nome), estamos propondo o envolvimento do corpo discente nessa programação, saindo da situação de coadjuvantes para protagonistas. Discutindo com os alunos, como França e Souza (2012) nos lembram aspectos envolvidos nessa celebração, tais como a época da colheita, os santos homenageados, a literatura de cordel, as canções, os contos, promovendo assim a interdisciplinaridade. Da mesma forma, os alunos/as precisam ser orientados a não reproduzir estereótipos sobre o caipira e nem outras formas de preconceito. O “caipira” nos é apresentado como um “homem do campo”, considerado atrasado, mal vestido e de fala tosca. Outro estereótipo é o casamento matuto ou caipira, que acaba sendo uma paródia dos casamentos ditos clássicos ou tradicionais, que acaba sendo remetido a um contexto da época dos coronéis.

O conceito de representação, segundo Silva e Silva (2009 apud Jesus 2022), refere-se à forma pela qual determinada imagem ou elemento da cultura ou sociedade é vista por um indivíduo ou um grupo. A representação não é o elemento em si, mas a forma como determinado grupo social o explica. É importante atentar a essas representações, para evitar o entendimento errôneo de que as ideias e imagens que evocam são a verdade absoluta com relação ao fato ou elemento histórico a que se referem.

Que o “arraiá” junino seja de fato um espaço de celebração e pertencimento. E que, ao avaliarmos, possamos perceber que a informação adquirida possa de fato ter se tornado conhecimento histórico.

Focalizamos nosso interesse nas festividades juninas, no forró, como um patrimônio imaterial ou “intangível”, opondo-se ao que Gonçalves (2002) chama de “patrimônio de pedra e cal”. Ao final das oficinas almejamos que as aulas de História possam ser espaços de diálogo, problematização, rompendo preconceitos, estereótipos; aprendendo, ensinando, partilhando e promovendo, ao invés de apenas aulas, sejam encontros de conhecimento com prazer.



## REFERÊNCIAS

- BARCA, Isabel. Aula Oficina: do Projeto à avaliação. In BARCA, Isabel (Org.). Para uma Educação Histórica de Qualidade. Atas da Quarta Jornada Internacional de Educação Histórica. Centro de Investigação em Educação (CIED)/Instituto de Educação e Psicologia. Universidade de Minho, 2004.
- \_\_\_\_\_. Investigar em Educação Histórica: da epistemologia às implicações para a prática de ensino. Revista Portuguesa de História vol. XXXIX, p. 53-66. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2007.
- CAINELLI, Marlene Rosa; TOMAZINI, Elizabete Cristina de Souza. A aula-oficina como campo metodológico para a formação de professores em História: Um Estudo sobre o PIBID/História/UEL. História & Ensino, Londrina, v. 23, n. 2, p. 11-33, jul./dez. 2017.
- JESUS, Monaquelly Carmo de. Forró e ensino de História – São Cristóvão, SE: UFS 2022.
- MACHADO, Juliana. Mixando a História: Possibilidades do uso de Canções em oficinas abordando conceitos de tempo com jovens estudantes do Ensino Médio. Dissertação (mestrado) -- Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, 2018.
- PELEGRINI, Sandra C. A.; FUNARI, Pedro Paulo A. O que é Patrimônio Cultural Imaterial. Coleção Primeiros Passos. Tatuapé – SP: Brasiliense, 2013.
- TROTТА, Felipe. Música popular, valor e identidade no forró eletrônico do Nordeste do Brasil. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE – Brasil); 2007.
- TROTТА, Felipe. Som de cabra-macho: sonoridade, nordestinidade e masculinidades no forró. Comunicação, Mídia e Consumo, São Paulo, ano 9, vol.9,n.26, p. 151-172. Nov. 2012.